

# Zenir Campos Reis

## Poesia: a crítica da crítica

A Otto Maria Carpeaux

### *Os trabalhos e os dias*

É uma experiência fascinante acompanhar os seis ensaios que compõem *O Ser e o Tempo da Poesia* de Alfredo Bosi: sem perder pé de nossa situação, “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, no entanto, viajamos.

Eu gostaria, porém, num primeiro momento, de desfazer a linearidade do livro, para tentar recuperar uma dimensão que as páginas numeradas dissimulam: a do tempo da feitura.

Foi no terceiro número de uma revista de pequena circulação, *Discurso*, que em 1972 foi publicado o ensaio que trazia o título atual do livro e, como subtítulo, “Uma Leitura de Vico”. Interessante, hoje, tentar reconstituir a relação que eu podia perceber entre aquele trabalho e os livros tão reveladores que foram *O Pré-Modernismo* e a *História Concisa da Literatura Brasileira*, esta de 1970.

Confesso que me chocava a paciência de decifrar Vico, um pensador barroco, fantasista, que especulava sobre a história de

um modo que me parecia tão fantástico: idade dos deuses, dos heróis, dos homens. Em minha memória, isto se juntava a Hesíodo e a Ovídio, aos mitos da Idade Áurea.

A mesma revista publicara, aliás, em número anterior, outro trabalho seu, a crônica "Acaso, Necessidade", sobre livro do biólogo Jacques Monod. Minha dificuldade era análoga: era-me difícil conciliar a angústia dos tempos que corriam com um mergulho no passado. Era vertiginoso ler, por exemplo:

"A primeira vista, nada parece capaz de diferenciar-se. Uma cinzenta mesmice envolve a biosfera inteira e dá-lhe o ritmo de um eterno retorno de formas e funções. Números astronômicos desfilam aqui como provas acachapantes: os planos de organização relativos aos principais ramos do reino animal estavam diferenciados desde o fim do Cambriano, isto é, há 500 milhões de anos. Certas espécies não têm evoluído nas últimas centenas de milhões de anos; a ostra, por exemplo, era dotada, há 150 milhões de anos, da mesma aparência e do mesmo sabor com que é servida hoje nos restaurantes. E pode-se estimar que a célula "moderna" existe há dois ou três bilhões de anos provida sempre das mesmas poderosas redes cibernéticas que asseguram a sua coerência funcional" (p. 156).

Mas era preciso esperar, era preciso aprender a paciência, que é um outro jeito de aprender a História.

Em 1974, a mesma revista, n.º 5, estampa "Imagem, Discurso". A obra vem-se compondo, combinada, por exemplo, com um trabalho didático que tive oportunidade de acompanhar: um curso sobre a poesia de Jorge de Lima, um curso sobre o Romantismo. A documentação escrita está esparsa: prefácios, artigos, cuja enumeração omito.

Em 1977 está pronto o livro. Procuo e penso que encontro um sentido neste trabalho: trata-se de um projeto que consiste na reflexão sobre o tempo, sobre a história: os trabalhos e os dias. Disto quero falar.

### *A seta e o alvo*

Não será demais sublinhar que este é um livro polêmico. Mas é preciso que o alvo da polêmica esteja bem iluminado: é uma

polêmica teórica e é a outra postura também teórica que ela visa: a postura estruturalista. Teoria contra teoria, eis precisamente o problema; visão contra visão, ou, se se quiser, ideologia contra ideologia.

É, porém, uma polêmica oculta. Queria lembrar seus antecedentes, no Brasil, quem sabe contá-los aos mais jovens.

Num panorama social, político e cultural extremamente diversificado como foi o da segunda metade da década de 50 e os primeiros anos da de 60, era interessante acompanhar os esforços de intelectuais progressistas, entre os quais se incluíam os poetas concretos. O MEC abrigou a primeira exposição pública de seus trabalhos, do mesmo modo que, por exemplo, apoiava a União Nacional dos Estudantes (UNE), entidade oficial, nas atividades dos Centros Populares de Cultura. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) desenvolvia seus cursos livres, os Movimentos de Educação de Base expandiam suas atividades, orientados pelo método de Paulo Freire... Cem flores desabrochavam, rivalizavam cem escolas.

Mas, veio 1964, tempo de ceifa. Em 1967 só restava o estruturalismo, a teoria que embasara o movimento concretista, de intenções democráticas em suas raízes. Agora, porém, era apenas a teoria, que, descarnada e isolada pela exclusão não voluntária de outras alternativas teóricas, se apresentava como a chave-mestra para todas as portas. Outros diriam gazua.

É neste momento que surge o contundente artigo de Otto Maria Carpeaux, "O Estruturalismo é o Ópio dos Literatos", no n.º 14 da *Revista Civilização Brasileira*.

Carpeaux, desde 1939 integrado à vida brasileira, já era credor de inestimáveis lições de cultura e de vida. Dos anos difíceis que se seguiram a 1964 são testemunho lúcido seus ensaios de *Brasil, no Espelho do Mundo* e *A Batalha da América Latina* (1965).

Carpeaux tocava na ferida: apontava o anti-historicismo estruturalista como uma reação desesperada e regressiva aos acontecimentos de 1964:

“Desespera-se da possibilidade de tornar histórica a existência nacional. Afigura-se como estrutura estabilizada o *status quo* social (um vestígio dessa resignação encontra-se na obra de Caio Prado Júnior). O povo brasileiro teria sido e seria um povo de *fellahin*, sem história como os povos primitivos e inclusive como as tribos de índios do *hinterland* brasileiro, cujo estudo foi o caldo de cultura do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss. Estruturalismo no Brasil significa: volta às origens. E apaga-se o futuro, o desenvolvimento” (p. 248).

E concluía seu artigo, escrevendo: “Neste momento histórico, este estruturalismo é ópio para os intelectuais.”

### *Na era das adversativas*

De fato, tratava-se de um momento histórico, a ocasião, o *kairós* dos gregos: fizeram-se, então, opções radicais. Não posso ler, sem emoção, as palavras da “Nota prévia” com que o mesmo Carpeaux apresentava, em 1968, sua coletânea *25 Anos de Literatura*. Depois de ter exposto os critérios que utilizou para selecionar os ensaios que interessassem ao “círculo de amigos da literatura”, escreve:

“Mas já não me incluo nesse círculo. Considero encerrado o ciclo. Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro”.

A seqüência é de narração difícil: de um lado houve o que se chamou, na grandiloqüente retórica oficial, de “Milagre Brasileiro”; de outro, o que de perspectiva diferente poderia chamar-se de “Noite de S. Bartolomeu”. Ou, ainda o “desenvolvimento com segurança”, “nomes com que se o povo néscio engana”...

A crônica desses tempos apenas começa a ser escrita. Importa assinalar que foi o setor mais combativo da Igreja que pôde sustentar, não sem duras penas, a resistência a estes obscuros tempos. Cumpria-se, mais uma vez, a palavra do Evangelho: “Sereis levados aos governadores e aos reis por causa de mim, para dardes testemunho perante eles e perante os gentios” (Mt, 10,18). Preciosa fonte documental desta resistência serão, sem dúvida, os corajosos depoimentos do líder católico Alceu

Amoroso Lima, hoje reunidos em volumes: *Revolução, Reação ou Reforma* (1964), *Pelo Humanismo Ameaçado* (1965), *A Experiência Reacionária* (1968), *Em Busca da Liberdade* (1974), *A Revolução Suicida* (1977).

### *O tempo revelado*

Impossível não lembrar: ouvimos e lemos, dos estudiosos da literatura, as advertências contra o “psicologismo”, o “sociologismo”, o “historicismo”, o “texto como pretexto”... Pretendia-se uma ciência da literatura — e o termo chave era ciência — isenta da “ganga impura”... da História. Interiorizava-se, de um lado, a divisão do trabalho social — o sapateiro se ocupe das sandálias —; de outro, a impotência para a transformação social.

O livro a que agora retorno me parece um esforço para abrir outra perspectiva: o título é um programa. Sua matéria é o ser da poesia, mas é também seu tempo. Eis a linha divisória e o cerne da polêmica teórica a que me referi e à qual me integro. Reservo ao leitor a discriminação miúda dos momentos desta polêmica, no livro. Apenas quero explicitar aquela instância que é reveladora da coerência íntima dos ensaios e da obra de Alfredo Bosi: a reflexão sobre o tempo.

Vejo, na verdade, que a unidade concreta dos ensaios está mais na onipresença da dimensão temporal, do que na aparente ordem que caminharia do particular — a imagem — e, passo a passo, em crescente generalidade — o som, o ritmo — desembocaria numa teoria geral da poesia. O que cresce com a seqüência dos ensaios é a explicitação da consciência histórica.

Não se pode baratear a dificuldade em mergulhar no passado: é um esforço que supõe, de um lado, a consciência de que nossa situação atual, por mais estável que nos pareça, é apenas um ponto de uma linha que só o distanciamento permite vislumbrar. De outro, mesmo inarredavelmente determinados, situados no presente, podemos sucumbir à vertigem da viagem. Esforço ameaçado, pois, pelo anacronismo e pela alienação.

Mas, sem este esforço, como perceber — lições do livro — que o modo como se apresenta hoje nosso campo de percepção imagética é resultado de longo processo histórico? Ou que a linguagem é conquista cujas origens remontariam ao momento da história da humanidade em que o trabalho da mão pôde liberar o órgão da palavra, a boca?

E seria longo arrolar os temas e os subtemas tratados já não de uma perspectiva estática, estrutural, “sincrônica”, mas de uma perspectiva dinâmica, histórica, “diacrônica”.

### *A poesia e a teoria*

Abro espaço para tratar de tema ingrato e difícil — o papel da poesia e o da teoria.

As lições de Giambattista Vico, examinadas no ensaio final do livro, têm extraordinária importância para expor, em termos compreensivos, o problema da poesia e seu possível papel na sociedade. Em termos abstratos, a poesia seria a linguagem de um tempo perdido mas resgatável. É que Vico concebe a história em termos de ciclo, de recorrências. Diria, com o Eclesiastes: “O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi” (*Ecl.*, 3,15). Não somos, aliás, contemporâneos de culturas mais humanas, por exemplo tribais?

Mas é nesse contexto de compreensão que se encrava uma observação de Alfredo Bosi que me parece passível de ser criadora de uma boa, porém falsa consciência:

“O mito, quando cruza o limiar do poema, recupera a inocência que perdura no compromisso com esta ou aquela ideologia abstratamente considerada. Daí, a regra de ouro, hoje tão difícil de seguir: deve-se ao grande poeta uma suma indulgência em relação a seus equívocos ideológicos. Esses equívocos podem e devem ser objeto de nossa recusa, mas só quando tomados fora do contexto mitopoético onde são redimidos pela paixão, pela música e pela festa livre das palavras” (p. 153).

Mas, não nos deixemos enganar. A escolha dos poetas e a análise de seus textos é inequívoca: o Profeta Isaías, João Evangelista, Dante, Camões, Leopardi, Blake, Aleksandr Blok, Pablo Neruda, Bertolt Brecht, Jorge de Lima...

São raras, mas historicamente possíveis, as combinações de que é exemplo Ho Chi-Minh, poeta e líder da libertação de seu povo:

Les anciens se plaisaient à chanter la nature:  
Rivières, monts, fumée, neige et fleurs, lune et vent.  
Il faut armer d'acier les vers de notre temps;  
Les poètes aussi doivent savoir combattre:

A propósito dessa seleção de poetas, vem-me à memória um livro teórico, o *ABC da Literatura*, de Ezra Pound, traduzido e publicado em 1970. Seria interessante rever o que Pound apresenta como um *paideuma*, sua lista do que valeria a pena o estudante conhecer em matéria de poesia. E não me posso furtar de transcrever alguns passos de sua prosa cheia de aforismas, que não disfarçam seus arreganhos fascistas:

“Que o estudante se arme e se prepare para o pior. Estamos próximos da minha lista do mínimo que é indispensável ler para se saber o valor de um novo livro. O mesmo que lhe seria necessário para saber se um salto de vara foi notavelmente alto ou se um jogador de tênis tem condições para disputar uma partida na Taça Davis” (p. 44).

“Minhas listas são um ponto de partida e um desafio. Este desafio foi lançado já há um certo número de anos e ninguém o aceitou. Houve muitas lamúrias, mas ninguém propôs uma lista rival, ou apresentou outros poemas como melhores exemplos de uma determinada virtude ou qualidade” (p. 45).

“A verdadeira educação deve limitar-se, exclusivamente, aos homens que **INSISTEM** em conhecer, o resto é pastoreio de ovelhas” (p. 79. As maiúsculas são originais).

Melhor seria termos ficado com o Pound dos *Cantos*... Sim, para o Poeta; não, para o teórico fascista.

### *A palavra e o gesto*

Dizer a História, isto é, a diferenciação, a transformação, franqueia o caminho para o gesto capaz de movê-la. Vejo precisamente aí o sentido e a dignidade do trabalho intelectual. Tenho este livro como exemplar, nesta linha. E é este o projeto que eu gostaria de encorpar: superar com o gesto humano, conservando-a, a palavra.

São Paulo, 27 de abril, 1º e 2 de maio de 1978